

RALPH WALDO EMERSON: O CÔMICO*

Cecília Sá Cavalcante Schuback

Universidad del Pais Vasco (UPV/EHU)

cecilia_schuback@hotmail.com

Felipe Ramos Gall

Universidade de Brasília

felipegall@outlook.com

Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi um filósofo, ensaísta, conferencista e poeta estadunidense. Nascido em Boston, Massachusetts, Emerson graduou-se em Harvard, onde estudou história, retórica, grego e latim, tendo logo depois estudado teologia e sido ordenado pastor. Com a morte de sua primeira esposa, Ellen Tucker Emerson, que faleceu em 1831 contando apenas 19 anos, Emerson abandona a vida religiosa e viaja para a Europa, onde ele conhecerá figuras intelectuais importantíssimas, como Wordsworth, Coleridge, John Stuart Mill e Thomas Carlyle. Voltando a Massachusetts, Emerson recebe uma herança considerável do patrimônio de Ellen e compra uma casa em Concord, ainda hoje conservada e aberta à visitação. Foi lá que Emerson viveu com sua segunda esposa, Lidian Jackson, como também foi lá que ele escreveu boa parte de sua obra. Emerson e Lidian tiveram três filhos: Waldo, Ellen e Edith; Waldo morreu de escarlatina com apenas 5 anos de idade, em 1842. Em decorrência disso, Emerson escreveu o poema *Trenodia* e o ensaio *Experiência*; neste mesmo ano, Emerson tornou-se padrinho de William James, que viria a se tornar um dos maiores filósofos estadunidenses. Emerson dedicou o resto de sua vida à carreira de conferencista e escritor, tendo se tornado um dos mais importantes intelectuais públicos dos Estados Unidos. Emerson morreu em 1882, após ter contraído pneumonia; seu corpo está enterrado no Cemitério Sleepy Hollow, em Concord.

Emerson foi o principal representante do movimento intelectual conhecido por *transcendentalismo americano*, que propunha um renascimento intelectual acompanhado de

* O texto original para consulta pode ser encontrado aqui: <https://www.bartleby.com/90/0805.html>

reformas sociais e políticas. Fortemente influenciados pelo Romantismo alemão, especialmente por Goethe, os transcendentalistas americanos rechaçavam especulações abstratas; ao invés disso, devotavam-se apaixonadamente a um pensamento que pudesse se concretizar em mudanças sociais efetivas, a partir do autoaperfeiçoamento dos indivíduos. Daí que a carreira de conferencista a qual Emerson dedicou grande parte de sua vida era expressão desse intelectualismo engajado e militante. Alguns representantes desse movimento deram origem a sociedades alternativas, como Brook Farm e Fruitlands, experiências de comunas agrícolas autossuficientes concebidas como uma alternativa ao modo de produção capitalista e à sociedade de massa. Outro importante representante do transcendentalismo americano e grande amigo de Emerson foi Henry David Thoreau, que, professando a doutrina da desobediência civil, defendia a superioridade da consciência individual sobre a lei.

Emerson nos legou uma vasta obra. Seu primeiro livro, *Natureza*, foi publicado em 1836. Seguiram-se dois volumes de *Ensaio*, depois *Poemas*, *Conferências e Palestras*, *Homens Representativos*, *Traços Ingleses*, *A Conduta da Vida*, *May-day e Outras Peças*, *Sociedade e Solidão*, *Parnassus* e *Cartas e Objetivos Sociais*. A produção intelectual de Emerson também conta com numerosos artigos publicados nos periódicos “O Diálogo”, “O Mês Atlântico” e outros. A principal coleção de manuscritos de Emerson está agora na Universidade de Harvard, nos arquivos da Biblioteca Houghton.

Talvez o maior filósofo a ter sido influenciado pelo pensamento de Emerson tenha sido Friedrich Nietzsche. Em 1862, Nietzsche, ainda um jovem estudante em Pforta, deparou-se com uma tradução para o alemão do livro *A Conduta da Vida*, expressão do pensamento maduro de Emerson, e se maravilhou com sua leitura. Entusiasmado com a descoberta, Nietzsche começou a caçar traduções alemãs de outras obras de Emerson, tendo obtido em seguida edições dos dois volumes de *Ensaio*, de *Homens Representativos* e de *Cartas e Objetivos Sociais* (que foi traduzido para o alemão como *Neue Essays*, “Novos Ensaio”). Dessas obras, é provável que *Homens Representativos* tenha sido a que mais influenciou o pensamento de Nietzsche. Publicada pela primeira vez em 1850, essa obra glorifica figuras históricas que, conforme a concepção de Emerson, encarnariam os princípios e as aspirações da então ainda jovem república americana. A obra é composta de sete ensaios: um primeiro ensaio discute o papel desempenhado pelos grandes homens na sociedade, e os outros seis exaltam as virtudes de seis homens considerados por Emerson como paradigmáticos. São eles: Platão, o filósofo; Swedenborg, o místico; Montaigne, o cético; Shakespeare, o poeta; Napoleão, o homem do mundo; e Goethe, o escritor. Essa ideia de grandeza individual, de uma minoria de indivíduos

superiores que seria capaz de beneficiar a maioria carente de tal genialidade, é facilmente identificável nos escritos de Nietzsche.

O ensaio sobre o Cômico, presente na obra de maturidade *Cartas e Objetivos Sociais*, é tido como um texto menor na produção emersoniana. Tendo em vista que Emerson compreende o cômico como um fenômeno intelectual divorciado de considerações morais, tal separação seria perigosa, e, conseqüentemente, a “licença cômica” deveria ser concedida com parcimônia. Desse modo, o Cômico seria um tema menos importante no interior de um pensamento voltado para o aprimoramento moral dos indivíduos. Contudo, os testemunhos que temos das conferências e palestras proferidas por Emerson revelam que suas falas eram repletas de bom humor, daquele senso de humor espirituoso, ancorado na simpatia e gentileza, revelador de uma aguda inteligência. Uma grande prova de que o riso era importante para Emerson encontra-se já no primeiro verso de um poema a ele atribuído, intitulado *Sucesso*:

Rir muito e sempre.

Obter o respeito de gente inteligente e o carinho de crianças.

Merecer a admiração de críticos honestos e suportar a traição de amigos falsos;

Apreciar a beleza,

Encontrar o melhor nos outros,

*Deixar o mundo um pouco melhor seja por uma criança saudável, uma horta, ou
uma condição social redimida;*

Saber que uma vida respirou melhor porque você viveu.

Isto é ter sido bem sucedido¹.

¹ No original: *To laugh often and much./To win the respect of intelligent people and the affection of children./To earn the appreciation of honest critics and endure the betrayal of false friends;/To appreciate beauty,/To find the best in others,/To leave the world a bit better whether by a healthy child, a garden patch, or a redeemed social condition;/To know even one life has breathed easier because you lived./This is to have succeeded.*

V. O Cômico

A GLÓRIA, brincadeira e enigma do mundo.

Pope

*E se dou risada de qualquer coisa mortal
É porque não posso chorar.*

Byron

[1] UM GOSTO por diversão beira o universal em nossa espécie, que é a única brincalhona na Natureza. As pedras, as plantas, as feras, as aves, nenhum deles faz nada de ridículo, nem dão mostras de uma percepção de qualquer coisa absurda feita em sua presença. E assim como a natureza inferior não graceja, tampouco o faz a superior. A Razão pronuncia seu onisciente sim e não, mas nunca se intromete com gradações ou frações; e é na comparação de frações com inteiros ou totalidades essenciais que o riso tem início.

[2] A definição de Aristóteles do ridículo é “o que está fora de tempo e lugar, sem perigo”². Se há dor e perigo, torna-se trágico; caso contrário, cômico. Essa definição, confesso, embora feita por um admirável definidor, não me satisfaz, não diz tudo que sabemos.

[3] A essência de todas as piadas, de toda comédia, parece ser a de uma honesta ou bem-intencionada incompletude³; uma não-performance do que se pretende performar, ao mesmo tempo em que se clama altas promessas de performance. A hesitação do intelecto, a expectativa frustrada, a quebra de continuidade no intelecto, é comédia; e ela se anuncia fisicamente nos agradáveis espasmos que chamamos riso.

[4] Com a trivial exceção dos estratagemas de algumas feras e pássaros, não há aparência, não há incompletude na Natureza, até o surgimento do homem. Criaturas inconscientes cumprem toda a vontade da sabedoria. Um carvalho ou uma castanha não empreendem nenhuma função que não possam executar; ou se houver fenômenos na botânica que chamamos aborto, o aborto é também uma função da Natureza, e assume para o intelecto a mesma completude com a função adicional à qual ele tinha alcançado em diferentes circunstâncias. A mesma regra se mantém

² No original: “*what is out of time and place, without danger.*” Em nenhum lugar da obra aristotélica supérstite encontra-se essa definição de ridículo parafraseada por Emerson. Especulando acerca de qual pode ter sido a origem dessa definição, acreditamos que, na melhor das hipóteses, Emerson parece ter mesclado uma parte do passo 1449a34-35 da *Poética*, de Aristóteles, onde ele define τὸ γελοῖον, “o ridículo”, como “ἀμάρτημα τι καὶ αἰσχος ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν”, isto é, “um tipo de erro e vergonha anódino e não destrutivo” (tradução nossa), tirando daí a ideia de “*without danger*”, com o problema XXXV.6 dos *Problemata* (965a14), onde Aristóteles diz “ἔστι δὲ ὁ γέλως παρακοπή τις καὶ ἀπάτη”, isto é, “o riso é uma forma de desvario e engano” (tradução nossa), e ter considerado que esse “fator surpresa”, essa quebra de expectativa envolvida no riso, seria algo “*out of time and place*”.

³ *Halfness*.

verdadeira para os animais. A atividade deles é marcada por um bom senso infalível. Mas o homem, por meio de seu acesso à Razão, é capaz da percepção do todo e da parte. A Razão é o todo⁴, e qualquer coisa que dela difira é uma parte. A totalidade da Natureza concorda com a totalidade do pensamento, ou com a Razão; mas separe qualquer parte da Natureza e tente olhar para ela como um todo por si mesmo, e tem-se início a sensação do ridículo. O jogo perpétuo do humor é olhar com atenciosa boa vontade para cada objeto que existe, *distanciado*⁵, tal como um homem pode olhar para um camundongo, comparando-o com a eterna Totalidade⁶; desfrutando a figura que cada criatura particular satisfeita consigo mesma recorta no desrespeitoso Tudo⁷, e dispensando-a com uma benção. Separe qualquer objeto, tal como um determinado homem corpóreo, um cavalo, um nabo, um barril de farinha, um guarda-chuva, da conexão com as coisas, e contemple-o por si só, de pé lá na natureza absoluta, e este se torna imediatamente cômico; nenhuma qualidade útil ou respeitável pode resgatá-lo do ridículo.

[5] Em virtude do acesso do homem à Razão, ou à Totalidade, a forma humana é um penhor de plenitude, que sugere à nossa imaginação a perfeição da verdade ou da bondade, e expõe por contraste qualquer incompletude ou imperfeição. Nós temos uma associação primária entre a perfeição e esta forma. Mas os fatos que ocorrem quando homens reais entram em cena não satisfazem esta antecipação; uma discrepância a qual é imediatamente detectada pelo intelecto, e o sinal exterior disso é a irritação muscular do riso.

[6] A Razão não graceja, e homens de razão também não; um profeta, em quem predomina o sentimento moral, ou um filósofo, em quem predomina o amor à verdade, estes não gracejam, mas eles trazem à tona o padrão, a totalidade ideal, expondo todos os defeitos reais; e, portanto, a melhor de todas as piadas é a contemplação das coisas sintonizada⁸ pelo entendimento do ponto de vista do filósofo. Não há piada tão verdadeira e profunda na vida real como quando algum idealista puro vai para cima e para baixo entre as instituições da sociedade, acompanhado por um homem que conhece o mundo, e que, sintonizado com o escrutínio do filósofo, simpatiza também com a confusão e a indignação das reveladas instituições ocultas. Sua percepção da disparidade, seu olhar perpetuamente vagando da regra para o fato torto, mentiroso e ladino, fazem os olhos chorarem de rir.

⁴ Cf. Ralph Waldo Emerson. *Essays: First Series* — IX. The Over-Soul.

⁵ *Aloof*.

⁶ *Eternal Whole*.

⁷ *Unrespecting All*.

⁸ *Sympathetic*, no original. Como “simpático” tornou-se um termo muito desgastado em português, preferimos a tradução por “sintonizado”, marcando a etimologia do termo, que expressa uma partilha afetiva, um *páthos* conjunto.

[7] Essa é a radical piada da vida, como também da literatura. A presença do ideal do que é certo e verdadeiro em todas as ações faz das tediosas delinquências da prática algo digno de remorsos à consciência, trágico para o interesse, mas bobo para o intelecto. A atividade das nossas sintonias pode, por um tempo, dificultar o nosso perceber do fato intelectualmente, derivando, assim, hilaridade dele; mas todas as falsidades, todos os vícios, vistos com suficiente distância, vistos desde o ponto onde nossas simpatias morais não interferem, tornam-se ridículos. A comédia está na percepção de discrepância do intelecto. E na medida em que a presença do ideal descobre a diferença, a comédia é acentuada sempre que esse ideal é visivelmente corporificado em um homem. Desse modo, Falstaff, em Shakespeare, é o personagem da mais ampla comicidade, entregando-se sem reservas aos seus sentidos, ignorando friamente a Razão enquanto invoca seu nome, fingindo patriotismo e virtudes parentais, não com qualquer intenção de enganar, mas apenas para tornar a diversão perfeita ao se desfrutar da confusão entre a Razão e a negação da Razão — em outras palavras, o patife grosseiro que ele está chamando pelo próprio nome. Príncipe Hal desempenha o papel de agudo entendimento, que vê o Correto e se sintoniza com ele, e no auge da juventude sente também todas as atrações do prazer, e é, portanto, sumamente qualificado para desfrutar da piada. Simultaneamente, ele está naquele grau sob a Razão que isso não o diverte tanto quanto diverte outro espectador.

[8] Se a essência do Cômico é o contraste no intelecto entre a ideia e a falsa performance, há uma boa razão para que sejamos afetados por sua exposição. Nós não temos interesse mais profundo do que nossa integridade, e devemos tomar consciência disso por meio de piadas e por um traço de qualquer mentira que possamos entreter. Além disso, uma percepção do Cômico parece ser uma roda de equilíbrio⁹ em nossa estrutura metafísica. Ela parece ser um elemento essencial em um bom caráter. Onde quer que o intelecto seja produtivo, ela será encontrada. Nós sentimos a sua ausência como um defeito na alma mais nobre e mais oracular. A percepção do Cômico é um laço de simpatia com outros homens, um penhor de sanidade, e uma proteção contra essas tendências perversas e insanidades sombrias nas quais os bons intelectos às vezes se perdem. Um velhaco antenado com o ridículo pode ainda ser convertido. Se esse sentido for perdido, seus pares pouco podem fazer por ele.

[9] É verdade que a sensibilidade para o ridículo pode chegar a ser excessiva. Os homens celebram sua percepção de incompletude e uma mentira latente por meio das peculiares

⁹ *Balance-wheel*, no original. Trata-se de um dispositivo de cronometragem usado em relógios mecânicos, análogo ao pêndulo em um relógio de pêndulo. É uma roda pesada que gira para frente e para trás, sendo retornada para sua posição central por uma mola de torção espiral.

explosões de riso. Tão dolorosamente suscetíveis são alguns homens a tais impressões que, se um homem espirituoso entrar na sala onde eles estão, isso parece tirá-los de si mesmos com violentas convulsões do rosto e faces, e rugidos barulhentos e indomáveis da garganta. Quantas vezes e com que não fingida compaixão vemos tal pessoa receber como um voluntarioso mártir os sussurros ao seu ouvido de um homem espirituoso. A vítima que acaba de receber a descarga, caso esteja com uma companhia solene, tem todo o ar de uma robusta nau que acaba de embarcar um mar revolto; e embora ele não a parta ao meio, sua pobre casca fica por um momento criticamente cambaleante. A paz da sociedade e o decoro das mesas parecem exigir que ao lado de uma notável espirituosidade deve ser sempre afixado um homem fleumático e inabalável¹⁰, capaz de permanecer sem movimentar os músculos ante todo o bombardeio deste fogo grego¹¹. É uma verdadeira flecha de Apolo, e atravessa o universo, e, a não ser que encontre uma alma mística ou abatida, vai a todos os lugares anunciados e prenunciados por sorrisos e saudações. A presença de espírito¹² faz suas próprias boas-vindas e nivela todas as distinções. Nenhuma dignidade, nenhum aprendizado, nenhuma força de caráter, pode bater de frente contra a boa presença de espírito. Ela é como gelo, sobre o qual nenhuma beleza de forma, nenhuma majestade elegante pode pleitear qualquer imunidade — devem caminhar com cuidado, de acordo com as leis do gelo, ou tombarão, com dignidade e tudo mais. “Pensas, porque és virtuoso, que não haverá mais bolos e cerveja?”¹³ Plutarco expressa alegremente o valor da brincadeira como uma arma legítima do filósofo: “Os homens são oradores porque falam, mas são filósofos mesmo quando estão calados, quando contam piadas e, por Zeus, quando são zombados e quando gracejam. É, segundo Platão, não só tremenda injustiça parecer ser justo quando se não é, como também é de uma inteligência extrema não parecer filosofar quando, na verdade, se filosofa, e ter atitudes dignas de gente séria em ambiente divertido. Tal como as *Bacantes* em Eurípides, desarmadas e sem espadas, batendo com os tirsos, agridem

¹⁰ *Bolt-upright*, no original. Ou seja, alguém severamente justo, “pregado em pé”.

¹¹ *Broadsides of this Greek fire*, no original. O “fogo grego” foi uma arma incendiária utilizada pelo Império Bizantino para atear fogo em navios inimigos, e consistia em um composto combustível emitido por uma arma lança-chamas. “Broadside” se refere aos canhões dispostos na lateral de um navio de guerra. Ou seja, é como se as piadas de um homem espirituoso fossem como um violento ataque naval, onde só alguém dotado de um temperamento fleumático e um caráter inabalavelmente rígido seria capaz de aguentar firme sem ceder ao riso.

¹² *Wit*, no original. Termo de difícil tradução, pois, no contexto, significa tanto “engenho” ou “sagacidade” quanto “senso de humor”; trata-se da capacidade de pensar rápido, de captar detalhes, bem como a versatilidade próprias de quem é bom piadista. Todavia, como já vínhamos traduzindo “*man of wit*” por “espirituoso”, optamos por traduzir “*wit*” por “presença de espírito”.

¹³ Shakespeare, *Twelfth Night* (*Noite de Reis*), Ato 2, Cena 3.

quem as ataca, assim as piadas e as gargalhadas dos verdadeiros filósofos movem e, de certa forma, atraem os que não são de todo invulneráveis”¹⁴.

[10] Em todas as partes da vida, a ocasião do riso é uma aparência, um manter da palavra junto aos olhos e ouvidos, enquanto ela é quebrada pela alma. Assim, tal como o sentimento religioso é o mais vital e sublime de todos os nossos sentimentos, e capaz dos efeitos mais prodigiosos, do mesmo modo é abominável para nossa natureza como um todo, quando, na ausência do sentimento, o ato ou a palavra ou o oficial se voluntaria em seu lugar. Para as simpatias, isto é chocante e ocasiona luto. Mas para o intelecto a ausência de sentimento não gera dor; ele compara incessantemente a ideia sublime com o nada inchado que pretende ser como ela, e a sensação de desproporção é comédia. E como o sentimento religioso é a coisa mais real e sincera na natureza, sendo um mero arrebatamento, e excluindo, quando aparece, todas as outras considerações, viciar isto é a maior mentira. Portanto, o mais antigo escárnio da literatura é o ridicularizar da falsa religião. Essa é a piada das piadas. Na religião, o sentimento é tudo; o ritual ou a cerimônia são indiferentes. Mas a inércia dos homens os inclina, quando o sentimento dorme, a imitar aquela coisa feita; vai-se através da cerimônia omitindo somente a vontade, comete-se o erro de tomar a peruca pela cabeça, as roupas pelo homem. Quanto mais velho for o erro e quanto mais exagerada for a forma particular, mais ridículo será para o intelecto. Não faltava humor ao capitão John Smith, descobridor da Nova Inglaterra. A Sociedade em Londres que havia contribuído com seus meios para converter os selvagens [*sic*], esperando sem dúvida ver os Keokuks, Black Hawks, Roaring Thunders e Tustanuggees daquela época convertidos em pelo menos diretores de igrejas e diáconos, incomodou o galante andarilho com frequentes solicitações fora da Inglaterra no tocante à conversão dos índios e a ampliação da Igreja. Smith, em sua perplexidade de como satisfazer a Sociedade, enviou um grupo para o pântano, capturou um índio e o mandou para casa no primeiro navio para Londres, dizendo à Sociedade que poderiam converter um eles mesmos.

[11] A sátira atinge seu clímax quando a própria Igreja é colocada em contradição direta com os ditames do sentimento religioso, como no retrato de nossa política puritana em *Hudibras*¹⁵:

*Nossos irmãos da Nova Inglaterra
Escolhem malfeitores como desculpa,
Inocentes em seu lugar enterram,*

¹⁴ Plutarco, *Obras morais: No Banquete (Quaestiones Convivales)*, I, 613f-614a. Trad. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares e Rodolfo Lopes, com modificações. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

¹⁵ Poema narrativo satírico (*mock-heroic*) do século XVII, escrito por Samuel Butler.

*Esses que as igrejas não carecem mais.
Na vila incidiu há pouco, lá vivia
um sapateiro, que até doutrinas sabia
cortar ao bem das vidas e dos sapatos.
Esse fino irmão um índio assassinou
Em tempos de paz, não por malícia,
mas mero zelo (porque era um infiel).
E o poderoso Tottipottymoy mandou
Aos nossos anciões um enviado,
Que com gritos de pacto reclamou
Ter sido pelo irmão Patch violado:
Os artigos das igrejas, a dele e a nossa,
que estavam em vigor contrariou.
Implorou aos santos renderem
Às suas mãos ou enforcarem
O ofensor, mas estes consideraram
Que só o tinham como permuta
(um homem que os servia duplamente
para ensinar e consertar).
Resolveram poupá-lo; justiça imparcial
ao índio Hoghan Moghan fizeram,
em seu lugar um velho enforcaram,
um tecelão que acamado estava.*

[12] Na ciência, a zombaria do pedantismo é análoga à da religião, que se opõe à superstição. Uma classificação ou nomenclatura utilizada pelo estudioso apenas como um memorando de sua última lição nas leis da Natureza, e confessadamente um quebra-galho¹⁶, um bivaque para uma noite, e implicando uma marcha e uma conquista para o amanhã — torna-se, por conta da indolência, um quartel e uma prisão, na qual o homem se sente imóvel, e deseja deter outros. O fisiologista Camper confessa humoristicamente o efeito de seus estudos no deslocamento de suas associações comuns: “Estive empregado”, diz ele, “seis meses na *Cetacea*; entendo a osteologia da cabeça de todos esses monstros, e fiz tão bem a combinação com a cabeça humana que agora todos me parecem narval, boto ou golfinho. As mulheres, tanto as mais bonitas da

¹⁶ *Make-shift*.

sociedade, quanto aquelas que acho menos atraentes, ou são todas narvais ou botos aos meus olhos”. Outro dia, deparei-me por acaso com uma estranha ilustração de uma observação que havia ouvido, a de que as leis da doença são tão belas quanto as leis da saúde; eu estava me apressando para visitar um velho e honrado amigo, que, fui informado, estava para morrer, quando conheci seu médico, que me abordou de bom humor¹⁷, com uma alegria cintilando em seus olhos: “E como está meu amigo, oh reverendo doutor?”, perguntei. “Ah, eu o vi esta manhã; é a apoplexia mais correta que eu já vi: rosto e mãos pálidos, respiração difícil, todos os sintomas estão perfeitos”. E ele esfregou as mãos com deleite, pois no interior não se encontra todos os dias um caso que esteja de acordo com o diagnóstico dos livros. Eu acho que há malícia em uma história muito trivial que se passa, e da qual não deveria prestar atenção, caso não houvesse suspeitado que continha alguma sátira sobre meus irmãos da Sociedade de História Natural. É de um menino que estava aprendendo o alfabeto. “Essa letra é A”, disse o professor; “A”, desenhou o menino. “Aquele é B”, disse o professor; “B”, desenhou o garoto, e assim por diante. “Aquele é W”, disse o professor. “O diabo!” exclamou o menino; “Aquele é W?”.

[13] O pedantismo da literatura pertence à mesma categoria. Em ambos os casos há uma mentira, quando a mente, apreendendo uma classificação para ajudá-la a ter um conhecimento mais sincero do fato, fica parada na classificação; ou aprendendo línguas e lendo livros com a finalidade de um melhor conhecimento do homem, fica parada nas línguas e livros; em ambos os casos o aprendiz parece ser sábio, quando não é.

[14] A mesma falsidade, a mesma confusão das sintonias devido a uma pretensão malfeita, aponta a perpétua sátira contra a pobreza, uma vez que, de acordo com a poesia latina e os versos burlescos¹⁸ ingleses,

A pobreza nada de pior faz

Do que tornar os homens ridículos.

Nesse caso a incompletude está na pretensão das partes envolvidas de ter alguma consideração por conta de sua condição. Se o homem não se envergonha de sua pobreza, não há piada. O homem mais pobre, firme em sua hombridade, destrói o gracejo. A pobreza do santo, do filósofo arrebatado, do índio nu, não é cômica. A mentira está na rendição do homem à sua aparência; como se um homem devesse negligenciar-se e tratar sua sombra na parede com marcas de infinito respeito. Isso nos afeta estranhamente, como ver as coisas viradas de cabeça para baixo,

¹⁷ *Great spirits.*

¹⁸ *Doggerel.*

ou ver um homem correr atrás de seu chapéu por conta de um vento forte, o que é sempre bobo. A relação das partes é invertida — o chapéu sendo momentaneamente o mestre, e os passantes torcendo pelo chapéu. A multiplicação de desejos e despesas artificiais na vida civilizada, e o exagero de todas as formas triviais, apresentam inúmeras ocasiões para que esta discrepância se manifeste. Tal é a história que se conta do pintor Astley, que, saindo de Roma um dia com um grupo para um passeio na Campanha e o tempo se mostrando quente, recusou-se a tirar seu casaco quando seus companheiros tiraram fora o deles, preferindo derreter de calor; que observação animada, seus camaradas o forçaram de brincadeira a tirar o casaco, e eis nas costas de seu colete uma alegre cascata trovejando pelas rochas com espuma e arco-íris, muito refrescante em um dia tão quente — um quadro próprio seu, com o qual o pobre pintor estava disposto a renovar as carências de seu guarda-roupa. O mesmo espanto do intelecto com o desaparecimento do homem fora da Natureza, através de alguma superstição de sua casa ou equipagem, como se a verdade e a virtude devessem ser expulsas da criação pelas roupas que usavam, é o segredo de toda a diversão que circula em relação aos eminentes almofadinhas¹⁹ e fashionistas, e, da mesma maneira, do alegre Rameau de Diderot, que não acredita em nada além da fome, e que a única finalidade da arte, virtude e poesia é colocar algo para mastigar entre as mandíbulas superior e inferior.

[15] Da mesma forma em todos esses casos e no caso de covardia ou medo de qualquer tipo, desde a perda de vidas até a perda de colheres, a majestade do homem é violada. Aquele a quem todas as coisas devem servir, serve a algum de seus próprios utensílios. Em belos quadros, a cabeça derrama nos membros a expressão do rosto. No Anjo de Rafael que conduz o Heliodoro para fora do Templo²⁰, a crista do capacete é tão notável, que, se não fosse pela extraordinária energia do rosto, atrairia demais o olhar; mas o semblante do mensageiro celestial a subordina, e nós não a vemos. Em quadros pobres os membros e o tronco degradam o rosto. Assim, entre as mulheres na rua, você verá uma cuja touca e vestido são uma coisa, e a própria senhora algo bem diferente, trajando além disso uma expressão de mansa submissão à sua touca e vestido; e outra cujo vestido obedece e eleva a expressão de sua forma.

[16] São proporcionados mais alimentos para o Cômico sempre que a aparência pessoal, o rosto, a forma e as maneiras são objetos de pensamento junto com o próprio homem. Nenhuma moda é melhor moda para aqueles assuntos que tomarão conta de si mesmos. Esse é o alvo daquelas

¹⁹ *Fops*.

²⁰ A *Expulsão de Heliodoro do Templo* é um afresco do pintor renascentista italiano Rafael. Foi pintado entre 1511 e 1512 como parte da encomenda para decorar com afrescos os quartos que agora são conhecidos como *Stanze di Raffaello*, no Palácio Apostólico do Vaticano. O afresco está localizado na sala que leva seu nome, a *Stanza di Eliodoro*.

piadas das salas de estar de Paris, as quais Napoleão considerava tão formidáveis, e que são copiosamente recontadas nas *Mémoires* francesas. Uma dama de alta classe, mas de figura esguia, havia dado à condessa Dulauloy o apelido de “Granadeiro tricolor”²¹, uma alusão à sua alta estatura, como também às suas opiniões republicanas; a condessa retaliou chamando-a de Madame “Vênus de Père-Lachaise”, um elogio ao seu esqueleto que não deixou de circular. “Lorde C.”, disse a condessa de Gordon, “oh, ele é um perfeito pente: todo dentes e costas”. Os persas têm uma anedota divertida sobre Tamerlane que se relaciona com essas mesmas particularidades: “Timur era um homem feio; ele tinha um olho cego e um pé coxo. Um dia, quando Chodscha estava com ele, Timur coçou sua cabeça, uma vez que havia chegado a hora do barbeiro, e ordenou que o barbeiro fosse chamado. Enquanto ele estava barbeado, o barbeiro lhe deu um espelho na mão. Timur se viu no espelho e achou seu rosto muito feio, e por isso ele começou a chorar; Chodscha também se pôs a chorar, e assim eles choraram por duas horas. Por conta disso, alguns cortesãos começaram a confortar Timur, e o entretiveram com histórias estranhas, a fim de fazê-lo se esquecer daquilo tudo. Timur parou de chorar, mas Chodscha não, e começou agora a chorar com toda força e com toda sinceridade. Enfim Timur disse a Chodscha: ‘Ouça bem! Eu olhei no espelho e me vi feio. Aí eu me entristeci, porque, embora eu seja califa, e tenha também muita riqueza, e muitas esposas, ainda assim sou tão feio; e, portanto, eu chorei. Mas tu, por que tu choras sem cessar?’ Chodscha respondeu: ‘Se tu só viste teu rosto uma vez, e de pronto vendo-o não foste capaz de conter-te, e choraste, que faremos nós — nós que vemos teu rosto todo dia e noite? Se não chorarmos nós, quem deve chorar? Portanto, eu chorei’. Timur quase se rachou de tanta risada”.

[17] A política também fornece a mesma marca para a sátira. O que é mais nobre do que o sentimento expansivo de patriotismo, que encontraria irmãos numa nação toda? Mas quando este entusiasmo é percebido que terminará nas máximas muito inteligíveis do comércio, tanto por tanto, o intelecto sente novamente o meio-homem. Ou o que é mais apto do que isso, que nós devemos abraçar e carregar um princípio contra toda oposição? Mas quando aparecem os homens que pedem nossos votos como representantes deste ideal, infelizmente estamos fora de vista.

[18] Mas não há fim para esta análise. Não fazemos nada que não seja risível sempre que abandonamos nosso sentimento espontâneo. Todos os nossos planos, negócios, casas, poemas, se comparados com a sabedoria e o amor que o homem representa, são igualmente imperfeitos e ridículos. Mas não podemos nos dar ao luxo de abrir mão de nenhuma vantagem. Devemos

²¹ *Le Grenadier tricolore*.

aprender com o riso, assim como com lágrimas e medos; explorar o todo da Natureza, a farsa e a bufonaria no pátio abaixo, como também as lições de poetas e filósofos no salão do andar de cima, e obter o descanso e o refresco da agitação dos lados. Mas o Cômico também tem seus próprios limites ágeis²². A hilaridade rapidamente se torna intemperança, e o homem logo morreria de inanição, já que algumas pessoas morreram de cócegas. O mesmo flagelo açoita tanto o brincalhão quanto aquele que desfruta da piada. Quando Carlini estava convulsionando Nápoles com gargalhadas, um paciente foi se consultar com um médico naquela cidade para obter um remédio para a sua excessiva melancolia, que estava rapidamente consumindo sua vida. O médico tentou animar seu espírito e o aconselhou a ir ao teatro e ver Carlini. E ele respondeu “Eu sou Carlini”.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. *Problems*. 2 vols. Trad. W. S. Hett. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

EMERSON, R. W. *Complete Works*, Vol. II: *Essays: First Series*. Houghton: Mifflin Company, 1904.

PLUTARCO. *Obras morais: No Banquete I*. Trad. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares e Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

²² *Speedy limits*.